

A Memória das Imagens: Os Santos Negros da Igreja de Santa Clara do Porto

Inês Afonso Lopes¹

Resumo: As imagens como portadoras de memórias perdidas são um objeto de estudo que urge ser trabalhado. Partindo das imagens agora praticamente desconhecidas dos Santos Negros Santo Elesbão e Santa Ifigénia, pretende-se reconstruir a conjuntura que produziu estas figuras que a nós se assemelham exóticas. A partir da análise dos seus meios de promoção - a coletivização que são as confrarias; o texto apologético do Cronista Carmelita Frei José Pereira de Santana que jogou um papel preponderante na sua propagação; e por fim na sua imagem - pretende-se resgatar a memória praticamente perdida de duas imagens.

Palavras-chave: Imagens/ Memória/ Devoção/ Santos Negros

Abstract: Imagery as a support of lost memories are a subject of study, needing to be observed and analyzed. Starting from the images so far unknown of the black saints like Santo Elesbão and Santa Ifigénia, we want to rebuild the conditions under which the same were designed, even though they seem exotic to us. Analyzing the ways they were promoted, like the collectivization carried out by the "Confrarias"; the apologetic scripts from the Carmelite chronicler Frei José Pereira de Santana, who played an important role in its spreading and, mainly in its image; we aim to recover the almost lost memory of a given image.

Keywords: Images/ Memory/ Devotion/ Black Saints

¹Doutoranda em História da Arte Portuguesa na Faculdade de Letras da Universidade do Porto em co-tutela com a *École des Hautes Études en Sciences Sociales - EHESS*

1. Introdução

A Imagem como veículo de ideologias, despoletadora de devoções, auxiliadora e criadora de memórias. Esta convoca atitudes e rituais, como parte integrante e operante de um mundo pleno de trocas semânticas. A imagem é um documento portador de sentidos, passíveis de se perderem no tempo. A memória aliada à imagem é mutável e distorcida no decorrer do tempo, sendo que a memória transportada pela imagem é muitas vezes refeita, dotando esta de novos sentidos. A Imagem como portadora de memórias, terá que ser analisada como um documento que nos permite apreender o seu primeiro significado, inserido no mundo da sua faturação².

Nesse sentido, cabe ao historiador da arte/imagem perceber os sentidos interrompidos pelo tempo e pela falta do elo dialético entre a imagem e o espectador. Articulando a ideia de que a imagem é agente da memória e que ao mesmo tempo a sua faturação implicou uma função definida (seja esta simbólica ou prática, entrando na conceção de imagem-objeto³) é importante perceber o seu contexto de produção e as ideologias que deram a forma sobre a qual hoje nos interrogamos.

Dentro destas conceções de resgatar a memória e significados inerentes à imagem, encontramos no Retábulo das Almas da Igreja do Convento Santa Clara do Porto, duas peças de imaginária (datadas do século XVIII⁴) de Santos Negros – Santo Elesbão e Santa Ifigénia⁵ (Fig.1 e Fig.2) - que fazem emergir varias questões, quando analisadas. É patente o desconhecimento geral em relação à correspondência iconográfica destes Santos. O seu nome, perde-se na memória do coletivo, o que revela a pouca implantação atual do culto e devoção, sendo estas imagens portadoras de um código interrompido, na

² O conceito de imagem como documento portador de memórias e sentidos está bem explicito em: SERRÃO, Vitor - *A trans-memória das imagens. Estudos Iconológicos de Pintura Portuguesa (Séculos XVI-XVIII)*. Lisboa: Edições Cosmos, 2007.

³³³ Sobre o conceito de imagem objecto leia-se: BASCHET, Jérôme – *Introduction : L' Image-Objet in* SCHMITT, Jean-Claude; BASCHET, Jérôme – *L'Image. Fonctions et usages des images dans l'Occident médiéval*. Paris : Le Léopard D'or, 1996.pp.7-26.

⁴ LÓPEZ, E. Martínez - *Tablero de ajedrez. Imágenes del negro heroico en la comedia española y en la literatura e iconografía sacra del Brasil esclavista*. Paris : Fundação Calouste Gulbenkian, 1998.

⁵ Debruçamo-nos já, mais pormenorizadamente, sobre estes Santos na nossa tese de mestrado - *O Sentido das Imagens. O Retábulo das Almas da Igreja de Santa Clara do Porto*.

dialética entre elas e o crente. Estas figuras enigmáticas, revelam sem dúvida a dimensão trans-contextual das imagens. Hoje, apenas nos resta a ideia antropologicamente atrativa de exotismo, por trás da visão não comum de Santo negro.

As questões que levam ao deslindar destas figuras surgem: *Qual a origem do seu culto, agora desconhecido, e a sua verdadeira disseminação? A que ideologias estas imagens presidiram no seu papel de construtoras da memória? Quem eram os seus principais destinatários e o porquê da sua morfologia, tendo sempre em conta estes destinatários? Só respondendo a estas questões, se poderá por fim perceber verdadeiramente a imagem.*

2. Os Santos Negros Carmelitas – Santo Elesbão e Santa Ifigénia:

A ideia de Santo negro no mundo ocidental, se bem que não inédita, é bastante rara. Num santoral onde a maioria dos membros são representados como caucasianos, é de estranhar a negritude destes dois Santos.

As principais notícias destes Santos, surgem apenas no século XVIII, pela mão do cronista Carmelita Frei José Pereira de Santana, numa vasta obra apologética a eles dedicada⁶. Nesta, é explicitada a sua hagiografia, a partir de um texto de diegese apologética, onde o tipo de culto e benefícios destes santos (Santo Elesbão como protetor contra os perigos do mar e



Fig. 1 A imagem de Santo Elesbão da Igreja de Santa Clara do Porto

⁶ SANTANA, José Pereira - *Os dous Atlantes da Ethiopia : Santo Elesbaõ, Emperador XLVII. da Abessina, Advogado dos perigos do mar, e Santa Ifigenia, Princeza da Nubia, Advogada dos incendios dos edificios, ambos Carmelitas... / pelo M.R.P. Mestre Fr. Joseph Pereira de Santa Anna...; com varias Anotaçoens, e hum Sermam do mesmo Author, prégado na collocação das Sagradas Imagens de ambos os Santos.* Lisboa Occidental : na Officina de Antonio Pedrozo Galram, Tomo.I e II. 1735-1738

Santa Ifigénia como protetora dos incêndios) são expressos.

No entanto, apesar de sem dúvida o texto de Santana ser a obra mais completa dedicada a estes santos e como tal conveniente de analisar mais pormenorizadamente, este não inaugurou este culto, tendo provavelmente apenas procurado difundir-lo de um modo diverso e canonizar os seus moldes. É a partir deste esforço do cronista que podemos perceber os reais contornos do culto a estes Santos.

Na procura do porquê deste culto, deparamo-nos com a expressão utilizada por Santana para definir estes santos – Atlantes. Vindo da mitologia clássica a figura do Atlante está ligada a uma ideia de suporte e de estruturação. Assim, classificar Santo Elesbão e Santa Ifigénia de Atlantes, é sem dúvida uma pista do seu verdadeiro significado para este cronista – atlantes da Ordem Carmelita a que pertenciam e atlantes da nova evangelização propagandística. De modo a perceber-se melhor esta ideia, convém analisar a raiz do seu culto e seus mecanismos.

As origens do culto a Santa Ifigénia e Santo Elesbão, são como já referidas bastante turvas. Temos a notícia do culto a Santa Ifigénia já nos finais da Idade Média, a partir das obras de difusão hagiográfica *Legenda Áurea* e *Flors Santorum*⁷. Nestas obras, a vida de Santa Ifigénia aparece inserida em episódios da vida de São Mateus. Esta é uma princesa etíope evangelizada pelo apóstolo e que converteu a sua vida à fé, tornando-se religiosa. Estas compilações hagiográficas eram vastamente difundidas (exemplo disto é o facto de a



Fig. 2 A imagem de Santa Ifigénia da Igreja de Santa Clara do Porto

⁷ Veja-se: VORÁGINE, Santiago de la – *La Leyenda Dorada*. Madrid: Alianza Editorial, vol.2,1997.p.603 e *Ho flors sanctō[rum] em lingoaje[m] p[or]tugue[s]*. Lixboa : per Herman de campis bombardero del rey & Roberte rabelo, 15 Março 1513.

Legenda Áurea que surgiu em latim no século XV já estar traduzida praticamente em todas as línguas⁸) e utilizadas nos *exempla*, parecendo-nos por isso claro que Santa Ifigénia fosse uma figura familiar dos devotos de São Mateus, no entanto não de grande devoção, visto não ter uma hagiografia isenta da vida do apóstolo. No entanto, é de salientar que o âmago da hagiografia desta Santa, estando ligada ao papel de São Mateus na sua evangelização, reside exatamente no facto de esta ter sido evangelizada por este Santo. Nesse sentido, Santa Ifigénia assemelha-se a um estandarte do poder da evangelização.

Por outro lado, a hagiografia de Santo Elesbão não se encontra em nenhum destes manuais exemplares, sendo por isso complexo perceber a raiz do seu culto. Encontramos realmente a sua menção mais completa (e praticamente única) na obra já referida de Frei José Santana. No entanto, o Santo já aparece no *Martiriológico Romano* de 1586⁹, o que nos leva a concluir a já pré-existência do culto. Pensamos, por isso, que este se tenha difundido principalmente entre esta data e a década de trinta do século XVIII, quando Santana lhe dedica a obra. Apesar de não termos encontrado nenhum documento anterior à obra de Santana que apresente a hagiografia deste Santo, podemos localizar a génese desta figura lendária. No seu relato hagiográfico, Santana foca essencialmente Elesbão como rei da Etiópia (mais precisamente de Axum), que convertendo-se ao cristianismo promove uma cruzada contra o rei herege Dunaán, sendo que no fim da sua vida se retira da vida “terrena”, convertendo-se ao monaquismo. Ora, podemos encontrar uma plena correspondência entre este relato hagiográfico e a vida do Rei Etíope Kaleb. Este rei de Axum do século VI foi um combatente cristão¹⁰ que

⁸ HEAD, Thomas - *Medieval hagiography: an anthology*. New York : Routledge, 2001. p. 24.

⁹ SANTANA, José Pereira - *Os dous Atlantes da Ethiopia : Santo Elesbaõ, Emperador XLVII. da Abessina, Advogado dos perigos do mar, e Santa Ifigenia, Princesa da Nubia, Advogada dos incendios dos edificios, ambos Carmelitas...* / pelo M.R.P. Mestre Fr. Joseph Pereira de Santa Anna...; com varias Anotaçoens, e hum Sermam do mesmo Author, prégado na collocação das Sagradas Imagens de ambos os Santos. Lisboa Occidental : na Officina de Antonio Pedrozo Galram, Tomo I. 1735-1738.p. 311

¹⁰ Cfr. Stuart Munro-Hay - *Aksum: An African Civilisation of Late Antiquity* 1991.

efetivamente pelejou contra um rei judeu – Dhu Nuwas¹¹. Mesmo o próprio nome deste rei, encontra correspondências como o de Elesbão se analisarmos que o título real do rei Kaleb era “Ella Asbeha”¹² bastante semelhante a Elesbão.

Nesse sentido, podemos perceber a origem deste Santo. No entanto, ainda assistem dúvidas quanto aos inícios do seu culto. Para além do breu da sua pele e da Ordem Carmelita de que comungam, Santo Elesbão e Santa Ifigénia possuem convergências na ideia de evangelização, presente nas suas hagiografias, de que podem ser portadores, sendo este um dos pontos principais a analisar quando a eles nos referimos.

Compreender o poder evangelizador destes Santos ligado à propaganda, é muito provavelmente compreender a génese da disseminação do seu culto. Estes, pelas suas características, são passíveis de serem utilizados para vários fins propagandísticos. São africanos evangelizados e evangelizadores, sendo de uma origem temporal remota que remete para os alvares da vida cristã. Foi exatamente esta característica de antiguidade que provavelmente levou a Ordem Carmelita a apropriar-se destes Santos e a torna-los estandartes da sua ordem e seus atlantes.

Os Carmelitas são uma das últimas ordens religiosas a ser criada, encontrando a sua fundação no século XI¹³. Como tal, tinha a necessidade de encontrar raízes mais remotas para melhor alicerçar a sua ordem e valorizá-la face a outras mais antigas. Esta ideia, bastante comum, estava ligada à concorrência entre as ordens religiosas pela “angariação” das almas dos crentes. Aliado ao facto de esta ordem ser relativamente recente (visto que em 1215 foi proibida a formação de novas ordens religiosas pelo Concílio Lateranense¹⁴) está o fator crucial de os Carmelitas não terem um fundador definido, como acontecia com os Franciscanos com São Francisco ou os

¹¹ Cfr. L. P. Kirwan - *The Christian Topography and the Kingdom of Axum*. The Geographical Journal, Blackwell Publishing on behalf of The Royal Geographical Society Vol. 138, No. 2 (Jun., 1972), pp. 166-177.

¹² Marilyn E. Heldman - *Architectural Symbolism, Sacred Geography and the Ethiopian Church*. Journal of Religion in Africa, Vol. 22, Fasc. 3 (Aug., 1992), pp. 222-241.p.226

¹³ VELASCO BAYÓN, Balbino - *História da Ordem do Carmo em Portugal*. Lisboa: Paulinas, 2001.p.17

¹⁴ VELASCO BAYÓN, Balbino - *História da Ordem do Carmo em Portugal*. Lisboa: Paulinas, 2001.p.17

Dominicanos com São Domingos. Assim, a Ordem Carmelita sofria a carência de atlantes, de pontos de referência que a tornasse mais facilmente interiorizada pelos crentes. A criação da lenda dos Profetas Elias e Eliseu poderá estar ligada a esta necessidade.

Para sublinhar esta ideia de antiguidade, foram criadas, a partir do século XIV até mesmo os nossos dias, varias obras apologéticas que num constante recurso à fantasia dotavam a ordem de origens remotas¹⁵. Sublinhe-se no entanto que, este fenómeno não é apenas característico da ordem carmelita, sendo mesmo habitual ordens mais alicerçadas que a carmelita criarem também um passado longínquo a partir de relatos de grande oniricidade¹⁶.

A importância dada pelas ordens religiosas aos pontos de referência, encadeada no espírito de concorrência patente entre elas, só mostra a importância que estes pontos tem para a psique humana (como comprova a teoria da *pirâmide de Maslow*) e portanto para a massa de crentes que estas pretendiam angariar.

Podemos perceber que é dentro destes esquemas que encontramos o culto a Santo Elesbão e Santa Ifigénia e a obra apologética criada por Santana em 1735 para glorificar estes santos e consagrá-los como braços antigos da árvore genealógica Carmelita.

O culto destes santos apresenta, como já referido, outras cambiantes para além da importância da sua antiguidade. O facto de estes serem santos negros evangelizados e evangelizadores, tornava-os passíveis de outro tipo de propaganda que ia para além da concorrência entre as ordens religiosas.

No mundo português, onde a escravatura era uma realidade bem presente, afluindo à metrópole anualmente milhares de escravos (a

¹⁵ MARTÍNES CARRETERO, Ismael - *Santos legendarios del Carmelo e iconografía*. Instituto Escorialense de Investigaciones Históricas y Artísticas. Simposium. San Lorenzo nº16, 2008. pp. 393-416.p.397

¹⁶ MARTÍNES CARRETERO, Ismael - *Santos legendarios del Carmelo e iconografía*. Instituto Escorialense de Investigaciones Históricas y Artísticas. Simposium. San Lorenzo nº16, 2008. pp. 393-416.p.397

percentagem de população escrava Lisboa era em 1700 de 10%¹⁷), a sua evangelização tornara-se uma premissa a seguir. Para esse efeito, as confrarias a partir dos seus elos confraternais, eram um excelente meio de aculturação para uma população a princípio desenraizada. Esta ideia de aculturação evangelizadora leva ao crescimento em todos os sentidos da devoção a Santos Negros. Por um lado, estes eram signo e sinal do domínio do cristianismo face aos gentios negros, por outro é antropologicamente perceptível que a ideia de um santo a eles igual na cor, criava nos negros uma empatia pela religião que os tinha acolhido. Assim, a imagem de um santo negro servia como agente e recetor de toda uma política de evangelização por parte do Império em crescente expansão.

As confrarias efetivamente tomavam um papel fundamental na aculturação destes negros. As confrarias negras (sendo que a sua maioria era dedicada à Virgem, nomeadamente à Virgem do Rosário¹⁸) regiam-se pelas mesmas regras que as suas congéneres brancas, diferenciando-se na raça dos seus confrades e no estatuto social destes, quase sempre de baixa condição¹⁹. Estas, naturalmente devido a cor de pele da maioria dos seus confrades promoviam o culto aos Santos Negros como Santo António o Noto; São Benedito de Palermo; São Moisés e claro Santo Elesbão e Santa Ifigénia. Todos os esquemas de dom e contra dom bem como de sentido de pertença e coesão de grupo, inerentes à ideia de confraria, auxiliaram certamente à aculturação dos escravos e forros e à exponenciação dos cultos dos Santos de cor negra, que seriam os seus estandartes - signos máximos da sua presença na vida cristã.

Temos de ter em conta a grande implantação destas confrarias nos “grandes” centros urbanos da época. No Porto, no século XVII, existiam pelo menos quatro confrarias de negros (uma do Rosário e de São Benedito na

¹⁷ LAHON, Didier – *Esclavage, confréries noires, sainteté noire et pureté de sang au Portugal (XVI et XVIII siècles)*.in Lusitana Sacra « Poder, sociedade e religião na época moderna » 2ª série Lisboa, 1995. p.120

¹⁸ RODRIGUES, Ana Maria (coord.) – *Os Negros em Portugal – Sécs. XV-XIX*. Lisboa: Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses,1999.p.129

¹⁹ LAHON, Didier – *Esclavage, confréries noires, sainteté noire et pureté de sang au Portugal (XVI et XVIII siècles)*.in Lusitana Sacra « Poder, sociedade e religião na época moderna » 2ª série Lisboa, 1995.p.124

igreja do convento de São Francisco na freguesia de São Nicolau; outra do Rosário dos Pretos instalada no Convento Dominicano; outra ainda sob a invocação de São Gonçalo Garcia dirigida como no Brasil por pardos e ainda uma que existia na igreja paroquial de Massarelos, dedicada a Nossa Senhora do Rosário dos Pretos²⁰). A partir desta amostra, que revela a grande difusão destes grupos, pode-se perceber que, a partir da sua promoção feita aos Santos negros, as imagens destes circulavam e propagavam-se havendo provavelmente, também por esta divulgação, uma penetração deste culto nas camadas mais altas da sociedade. Esta ideia convergirá em Santana e no seu texto nitidamente apologético e direcionado para uma camada mais erudita da população.

3. A importância do texto apologético para um culto:

Quando referimos Santo Elesbão e Santa Ifigénia, temos de afirmar que todo o seu culto se regeu por lógicas devocionais particulares, que os distanciaram mesmo dos outros Santos Negros, sendo que o seu estudo afigura-se movediço. Como já afirmamos anteriormente, Didier Lahon refere o facto de as confrarias Negras serem normalmente constituídas por escravos e pelas camadas mais pobres da população²¹. Porém, no caso do culto de Santo Elesbão e Santa Ifigénia encontramos, a partir de dois textos de populares sem datação, denominados “*A Inclyta Virgem Santa Ifigenia Princeza do Reyno da Nubia, e Religiosa Carmelita, de cor preta*” e “*O GLORIOSO SANTO ELESBAÕ Emperador da Ethiopia Alta, Preto na cor*” e de informações apresentadas por Santana um caso paradoxal de culto a Santos Negros.

No texto “*A Inclyta Virgem Santa Ifigenia Princeza do Reyno da Nubia, e Religiosa Carmelita, de cor preta*” encontramos uma referência à forma como o

²⁰ RODRIGUES, Ana Maria (coord.) – *Os Negros em Portugal – Sécs. XV-XIX*. Lisboa: Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, 1999. Pp.140 e 141

²¹ LAHON, Didier – *Esclavage, confréries noires, sainteté noire et pureté de sang au Portugal (XVI et XVIII siècles)*.in Lusitana Sacra « Poder, sociedade e religião na época moderna » 2ª série Lisboa, 1995.p.120

culto a esta Santa se processava na cidade de Cádiz. Segundo o texto participavam no culto senhoras “*ilustres*” que se denominavam pelo título “*Ayas de Santa Princeza preta*”. Estas auxiliavam na ornamentação da imagem da Santa. Também é referido a devoção que a Corte tinha por esta Santa e a disseminação do seu culto por toda a Andaluzia. Esta ideia é também reafirmada por Santana, ao referir que a Santa era adorada por uma comunidade “*sendo huma das mais numerosas da Corte*”²².

Santana, sublinha o facto desta ideia existir nas camadas mais altas em Portugal, quando afirma que no ano de 1738 foi ereta no convento do Carmo em Lisboa uma “*noilissima Congregação*”. Esta era constituída por cento e vinte pessoas que deveriam ser “*puras de sangue, e virtuosas*”, sendo o número de homens setenta e intitulados por “*Vassallos dos Santos Principes*”, enquanto existiriam trinta senhoras que se denominariam “*Ayas da Santa Princeza*”²³. - mais tarde foram admitidos “*foreiros*”.

Já bastante referido, Frei José de Santana e o seu papel no disseminar do culto destes santos é de facto importante. Este professo carmelita é um nome incontornável em qualquer estudo referente tanto a Santo Elesbão e Santa Ifigénia, e mesmo qualquer estudo da Ordem Carmelita, visto este ter sido seu principal cronista no século XVIII. Frei José Pereira de Santana nasceu no Rio de Janeiro no ano de 1696, completou os seus estudos em Coimbra, tendo sido nomeado o Cronista da Província em 1740²⁴. Mais tarde, em 1750, é designado por D. José I para ser o confessor e mestre da princesa da Beira - futura Rainha D. Maria I e sua irmã²⁵, o que denota o seu enorme prestígio na corte. Por outro lado se analisarmos esta nomeação sob o prisma

²² SANTANA, José Pereira - *Os dous Atlantes da Ethiopia : Santo Elesbaõ, Emperador XLVII. da Abessina, Advogado dos perigos do mar, e Santa Ifigenia, Princeza da Nubia, Advogada dos incendios dos edificios, ambos Carmelitas...* / pelo M.R.P. Mestre Fr. Joseph Pereira de Santa Anna...; com varias Anotaçoens, e hum Sermam do mesmo Author, prégado na collocação das Sagradas Imagens de ambos os Santos. Lisboa Occidental : na Officina de Antonio Pedrozo Galram, Tomo II. 1735-1738.pp.108 e 109

²³ SANTANA, José Pereira - *Chronica dos Carmelitas da Antiga, e Regular Observancia nestes Reynos de Portugal, Algarves e seus Dominios...* / por author Fr. Joseph Pereira de Sta. Anna, Religio da mesma Ordem de Nossa Senhora do Carmo... Lisboa : na Officina dos Herdeiros de Antonio Pedrozo Galram, 1745-1751.p.730

²⁴ OLIVEIRA, Andreson José Machado – *Devoção Negra: Santos pretos e catequese no Brasil colonial*. Rio de Janeiro: Quartet/FAPERJ, 2008.p.77

²⁵ OLIVEIRA, Andreson José Machado – *Devoção Negra: Santos pretos e catequese no Brasil colonial*. Rio de Janeiro: Quartet/FAPERJ, 2008.p.78

da intensa disputa entre as ordens religiosas, esta é uma prova da importância da ordem Carmelita na Corte²⁶. Uma das formas de se inculcar na comunidade uma forma correcta de devoção, eram os sermões e, para tal, os oradores precisariam de histórias para servir como *exempla* ao público, muitas destas tiradas de compêndios hagiográficos organizados (destes compêndios o mais conhecido no final da idade média foi a *Legenda Áurea*). As traduções de lendas sobre santos tradicionais para a língua vernacular, trouxeram um grande auxílio no disseminar da “correcta” prática religiosa. Podemos afirmar que o texto de Santana se inscreve nesta tradição, no sentido em que, notoriamente, toda a sua retórica pode ser vista num sentido pedagógico confirmado pelo sermão que este dedicou aos dois Santos²⁷.

No entanto, há que ler a informação dada por Santana (como aliás qualquer informação escrita) de uma forma cautelosa. Assim, podemos encontrar (como já exaustivamente referido) um tom deveras apologético em todas as informações de Santana referentes a Santo Elesbão e Santa Ifigénia. Os textos referentes a estes Santos, assim como os seus sermões, têm o claro sentido de promover o seu culto. *Mas para quê tamanha necessidade de promoção desta devoção, se segundo Santana estes Santos já tinham entrado mesmo no santoral da Corte Portuguesa?* Efetivamente, Santana faz referência a várias imagens que comprovam a disseminação deste culto. No entanto, podemos interrogar-nos sobre o porquê destas obras de cariz tão apologético se a devoção já estava bem presente. *Por outro lado, poderão estes textos ser um auxílio à devoção?* Há vários textos de menor dimensão, notoriamente populares que se destinam à divulgação do culto, sendo mesmo nos textos *A Inclyta Virgem Santa Ifigenia Princeza do Reyno da Nubia, e Religiosa Carmelita, de cor preta* e “*O GLORIOSO SANTO ELESBAÕ Emperador da Ethiopia Alta, Preto na cor*” referida a venda na portaria do Convento do Carmo

²⁶ OLIVEIRA, Andreson José Machado – *Devoção Negra: Santos pretos e catequese no Brasil colonial*. Rio de Janeiro: Quartet/FAPERJ, 2008.p.78

²⁷ SANTANA, José Pereira - *Sermão dos santos pretos carmelitas, Elesbão...e Ifigénia...que na solemne festa da collocação das suas sagradas imagens, na Igreja do Real Convento de Nossa Senhora do Carmo.. / pregou o M. R. P. Mestre Fr. Joseph Pereira de Santa Anna*. Lisboa Occidental : Na Off. de Antonio Pedrozo Galram, 1735.

em Lisboa de uns livrinhos de Culto a estes Santos sob o título “ *Mestre da Morte, e Medianeira da vida eterna*”.

O texto de Santana é claramente um texto da época, onde uma retórica barroca de cariz apologético prolifera, num discurso hiperbólico pleno de metáforas e fantasia, que pretendia através do máximo efeito convencer o leitor²⁸.

Tendo em conta estas características, o texto de Santana terá de ser lido com varias ressalvas. A partir desta ideia, podemos apontar que efetivamente Santana na sua cruzada pela comprovação da universalidade e dignidade desta devoção explicita que as imagens que se encontram no convento Carmelita de Lisboa, foram colocadas no “presente ano” (ou seja, balizamos nos anos de escrita da obra 1735 a 1738) numa cerimónia rodeada de pompa onde acorreram todas as camadas sociais, tendo mesmo a presença da real “ *Magestade Divina Sacramentada*”²⁹.

Ora Santana na sua Crónica refere também a pré-existência destas imagens no Convento de Santa Clara de Lisboa, no desaparecido Mosteiro de São Bento de Avé Maria no Porto e na Igreja do Mosteiro de Santa Clara do Porto³⁰. Questionamos, assim por que razão estas imagens estavam primariamente noutras instituições que não a casa mãe carmelita. *Estará aí a chave para a toda a apologética levada a cabo por Santana? Poderemos colocar a questão de o culto de Santo Elesbão e Santa Ifigénia ser inicialmente de difusão popular ou um culto ligado aos territórios do império, (mantendo em mente as origens de Santana, este pode ser um mote de raciocínio). Terá sido*

²⁸ Para compreensão do texto apologético barroco ler a introdução de José Mattoso na *Beneditina Lusitana* - MATTOSO, José in TOMÁS, Leão de São – *Beneditina Lusitana*. Introdução e notas críticas de José Mattoso. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1974.

²⁹ SANTANA, José Pereira - *Os dous Atlantes da Ethiopia : Santo Elesbaõ, Emperador XLVII. da Abessina, Advogado dos perigos do mar, e Santa Ifigenia, Princesa da Nubia, Advogada dos incendios dos edificios, ambos Carmelitas... / pelo M.R.P. Mestre Fr. Joseph Pereira de Santa Anna...; com varias Anotaçoens, e hum Sermam do mesmo Author, prégado na collocação das Sagradas Imagens de ambos os Santos*. Lisboa Occidental : na Officina de Antonio Pedrozo Galram, Tomo II. 1735-1738.p.323

³⁰ SANTANA, José Pereira - *Os dous Atlantes da Ethiopia : Santo Elesbaõ, Emperador XLVII. da Abessina, Advogado dos perigos do mar, e Santa Ifigenia, Princesa da Nubia, Advogada dos incendios dos edificios, ambos Carmelitas... / pelo M.R.P. Mestre Fr. Joseph Pereira de Santa Anna...; com varias Anotaçoens, e hum Sermam do mesmo Author, prégado na collocação das Sagradas Imagens de ambos os Santos*. Lisboa Occidental : na Officina de Antonio Pedrozo Galram, Tomo II. 1735-1738

Santana a implementar um culto de raiz mais popular na corte, utilizando a sua óbvia posição de hegemonia? Dentro deste raciocínio, podemos entrar num esquema circular facilmente perceptível. O culto destes Santos era já pré-existente e de origem popular, sendo direcionado aos negros. No entanto, Santana percebendo o poder propagandístico destes Santos, difunde-os nas suas obras (com referências hiperbólicas relativas a sua devoção, mesmo em cidades espanholas como Sevilha³¹), criando, por sua vez, uma devoção mais reforçada e dirigida a uma classe social mais erudita, onde reinava o gosto pelo exótico, e onde este tipo de devoção seria singularmente aceite.

Numa necessidade de promoção do culto carmelita que pode ter emergido com a época moderna (os carmelitas foram prolíferos no envio de missões para cristianização³²), estes Santos poderiam servir como estandarte, como atlantes da ordem carmelita, como símbolo de evangelização do cada vez mais vasto Império. Nesse sentido, Santana percebe o poder ambíguo da força do culto a estes Santos. Seguindo este raciocínio, não nos podemos alhear do facto destes Santos na sua hagiografia estarem ambos ligados a evangelização. Podemos olhá-los de um modo bastante ambíguo, porém, sempre conducente à ideia do poder efetivo da evangelização. Por um lado, o breu da sua pele era fator de atração e aculturação dos negros que viam nestas imagens seus “iguais”, que haviam entrado no “Olimpo” dos seus dominadores. Por outro, e talvez resida aí o desejo de Santana ao promover este culto nas esferas mais altas da sociedade, estes santos como evangelizadores e evangelizados de África poderiam significar o domínio do negro pelo próprio negro já domesticado pelo branco (*que vitória do cristianismo poria ser mais triunfante que esta?*).

³¹ SANTANA, José Pereira - *Os dous Atlantes da Ethiopia : Santo Elesbaõ, Emperador XLVII. da Abessina, Advogado dos perigos do mar, e Santa Ifigenia, Princeza da Nubia, Advogada dos incendios dos edificios, ambos Carmelitas... / pelo M.R.P. Mestre Fr. Joseph Pereira de Santa Anna...; com varias Anotaçoens, e hum Sermam do mesmo Author, prégado na collocação das Sagradas Imagens de ambos os Santos*. Lisboa Occidental : na Officina de Antonio Pedrozo Galram, Tomo II. 1735-1738.

³² Cfr. VELASCO BAYÓN, Balbino - *História da Ordem do Carmo em Portugal*. Lisboa: Paulinas, 2001.pp.177-275

4. As Imagens de Santo Elesbão e de Santa Ifigénia – materialização do texto apologético:



Fig. 3 - Santo Elesbão (pormenor)

A partir desta conjuntura ideológica podemos talvez perceber as formas que a reforçam. Como explicitamos na introdução, a imagem tal como o texto não é inocente. Portadora de memórias e convocadora de atitudes, esta é realizada com uma intenção objetiva, ideia totalmente reforçada pelo texto de Santana. Este autor, percebendo o poder da imagem (explorado desde os primórdios do cristianismo) dedica vários parágrafos à forma como a imagem dos Santos Elesbão e Ifigénia deveria ser representada.

Deste modo, quando Santana refere como Santo Elesbão deveria ser representando, refere não só os traços gerais que de que a iconografia do Santo deveria ser composta³³ (traje carmelita, pisando um rei branco e atacando-o com uma lança), mas entra em particularismos que iluminam muitas das nossas ideias.



Fig. 4 Santa Ifigénia (porm.)

Quando Santana na sua exposição se prende na fisionomia de Santo Elesbão, sublinha a cor negra da sua pele, porém, pormenorizando claramente como deverão as suas feições ser representadas. Apesar de este aceitar que o Santo tenha os “...cabello revolto, à semelhança daquelle, com que se ornaõ as cabeças dos homens da sua

cor...” Santana enfatiza a importância das feições deste no sentido que elas

³³ Cf. SANTANA, José Pereira - *Os dous Atlantes da Ethiopia : Santo Elesbaõ, Emperador XLVII. da Abessina, Advogado dos perigos do mar, e Santa Ifigenia, Princeza da Nubia, Advogada dos incendios dos edificios, ambos Carmelitas...* / pelo M.R.P. Mestre Fr. Joseph Pereira de Santa Anna...; com varias Annotaçoens, e hum Sermam do mesmo Author, prégado na collocação das Sagradas Imagens de ambos os Santos. Lisboa Occidental : na Officina de Antonio Pedrozo Galram, Tomo I. 1735-1738. pp.332 e 333

sejam “...as feições parecidas ás dos Europeos, nariz afilado, forma gentil...”: este conjunto de expressões é deveras significativo. Por um lado, Santana está não só preocupado com que as feições de Santo Elesbão se assemelhem aos europeus, como também sublinha (de forma a não haver degenerações desta ideia) que estas devem ter “*nariz afilado*”, sendo esta expressão a concretização total das suas ideias. Este cronista, ciente que o traço negro mais comum é o nariz dilatado, reafirma a importância de Elesbão ter o nariz afilado, a fim de existir uma completa diferenciação com os da sua raça. No entanto, neste pequeno excerto há outra expressão que nos prende, na qual encontremos talvez a chave para a apologética visual que Santana pretendia criar nas representações deste Santo – “(…), *forma gentil*(...)” – esta ideia de forma gentil, remete-nos imediatamente para a ideia de subjugação e de docilidade por parte dos dominados, que em última instância era aquilo que Elesbão representava.

Dado também significativo é a forma contrastante com que Santana se preocupa com a representação de Santa Ifigénia³⁴ em relação à de Santo Elesbão. Apesar de Santana também lhe dedicar alguns parágrafos (onde refere os seu traje carmelita e atributos como a igreja em chamas) não entra em nenhum pormenor, quer em relação às feições da Santa quer à cor da sua pele. O porquê desta diferenciação poderá estar na contrastante forma como Santana começa a exposição das suas considerações sobre a iconografia dos Santos. Enquanto no momento em que Santana apresenta a iconografia de Santo Elesbão usa as palavras - “*A forma em que a Imagem deste glorioso Santo se deve pintar*”, este, quando faz o prelúdio à iconografia de Ifigénia refere “*A sua Sagrada Imagem se costuma, ou pintar, ou esculpir da maneira seguinte*³⁵”. A diferenciação entre as expressões dever ou costumar pode ser

³⁴ Cf. SANTANA, José Pereira - *Os dous Atlantes da Ethiopia : Santo Elesbaõ, Emperador XLVII. da Abessina, Advogado dos perigos do mar, e Santa Ifigenia, Princeza da Nubia, Advogada dos incendios dos edificios, ambos Carmelitas... / pelo M.R.P. Mestre Fr. Joseph Pereira de Santa Anna...; com varias Anotaçoens, e hum Sermam do mesmo Author, prégado na collocação das Sagradas Imagens de ambos os Santos*. Lisboa Occidental : na Officina de Antonio Pedrozo Galram, Tomo II. 1735-1738.p.107

³⁵ SANTANA, José Pereira - *Os dous Atlantes da Ethiopia: Santo Elesbaõ, Emperador XLVII. da Abessina, Advogado dos perigos do mar, e Santa Ifigenia, Princeza da Nubia, Advogada dos incendios dos edificios, ambos Carmelitas... / pelo M.R.P. Mestre Fr. Joseph Pereira de Santa Anna...; com varias Anotaçoens, e hum Sermam do mesmo Author, prégado na*

sintomática de muita coisa. Por um lado, poderia haver muitos mais abusos na representação de Santo Elesbão, visto ele ser um Santo eminentemente bélico e masculino. A sua representação poderia ser muito mais propícia a uma iconografia que o representasse com traços carregados, diversos dos europeus. Já Santa Ifigénia, como Santa pertencente ao universo monástico feminino, poderia desde sempre ter sido representada com traços mais dóceis.

Nas imagens presentes na Igreja de Santa Clara do Porto, toda a apologética que Santana pretendia canonizar na visualidade está materializada. Vemos claramente os narizes afilados que contrastam com a cor negra dos Santos provocando alguma estranheza a quem as observa (Fig. 3 e 4).

Nesse sentido a importância dada às imagens é mais uma vez reveladora não só da ideia apologética por detrás de toda a obra de Santana, mas também do poder intrínseco da imagem como portadora de significados e agente de ideologias.

5. Conclusão:

Efetivamente, a partir da segunda metade do século XVIII o culto a Santo Elesbão e Santa Ifigénia esmoreceu no território português. O culto foi perdendo força, principalmente depois do terramoto de 1755. Face a essa tragédia Santo Elesbão, como protetor dos perigos do mar, e Santa Ifigénia, como protetora dos incêndios, foram desacreditados. Com a perda da praxis do seu culto a sua memória foi-se perdendo ao ponto de hoje não serem reconhecidas as suas imagens.

Como imagens-objeto que são, estas tem que estar presas a uma função, sendo esta função que lhes define o seu “período de vida”. Se não houver uma sobreposição ou substituição de funções, a imagem enquanto signo e sinal tem o seu máximo final quando desaparece a memória que ela alberga. “ Vivante, l’image est par conséquent *mortelle*, et il serait utile de

préciser son « espérance de vie », variable selon les types d'objets et de fonctions, mais souvent plus courte qu'on ne le pense³⁶».

³⁶ Cit. BASCHET, Jérôme – *Introduction : L' Image-Objet in* SCHMITT, Jean-Claude; BASCHET, Jérôme – *L'Image. Fonctions et usages des images dans l'Occident médiéval*. Paris : Le Léopard D'or, 1996.pp.7-26.p.13